

O circuito *hip hop* na região de Campinas desde "as antigas": dos bailes *black* à institucionalização do movimento (198... - 2005)

Cristiano Nunes Alves

✉ cris7cris7@yahoo.com.br

Resumo

Queremos melhor compreender a dinâmica urbana contemporânea problematizando o uso do território pelo circuito *hip hop*. Neste artigo, propomos uma abordagem do espaço ao longo do tempo dinamizado pela cultura *hip hop*, apresentando uma periodização da cultura das ruas na região de Campinas. Pudemos, grosso modo, identificar dois momentos do circuito: o primeiro, desde as manifestações iniciais do *hip hop* até a constituição de um circuito em torno dos bailes *black* da região, e o segundo, de institucionalização do circuito cultural, tornado movimento por parcela de sua militância. Trata-se de um estudo no qual problematizamos o tema dos circuitos culturais lançando mão do recurso de método da periodização.

* * *

PALAVRAS-CHAVE: território, *hip hop*, Campinas, periodização, comunicação.

Introdução

No Brasil, há pouco mais de duas décadas, o circuito *hip hop* vem se tornando elemento constituinte do espaço geográfico¹. Sua dinâmica implica uso das ruas, de praças, casas de *shows*, rádios não concessionadas, lojas especializadas, objetos técnicos de informação, entre outros. Sua atividade envolve uma série de agentes dinamizadores do campo de informação (PRED, 1979) do circuito *hip hop*, desde seus trabalhadores culturais até o poder público, articulados em projetos comunitários, estúdios para gravação, eventos de *rap*, apresentações de *break*, grafiteagem, entre outros.

Malgrado as tentativas de esvaziamento do circuito e cooptação, o *hip hop* ganha força como uma cultura da periferia. Neste período, a região de Campinas, normatizada como Região Metropolitana de Campinas (RMC) em 2001², se torna um dos destaques do *hip hop* nacional. No intuito de contribuir para o entendimento do uso do território no período atual, buscamos analisar a espessura do circuito *hip hop* que se constituiu na região, bem como a relação desse circuito cultural com a desigualdade socioterritorial em curso na metrópole campineira, desde suas primeiras manifestações, em meados de 1980 na cidade de Campinas, até o ano de 2005.

Em nosso inventário do circuito *hip hop* em Campinas, além do levantamento bibliográfico sobre a temática, realizamos uma série de trabalhos de campo, entre os anos de 2003 e 2005. Reunimos, dessa forma, um importante “campo de informação primário” resultante de entrevistas com agentes do circuito sonoro e

1 Trabalhamos sob a perspectiva de que a existência e o funcionamento de um circuito ganham significado quando abordadas as estratégias políticas no território usado, sinônimo de materialização e acontecer de objetos e ações no espaço geográfico. Para Santos (2004, p. 232), “a utilização do território pelo povo cria o espaço” e o território “se chama espaço logo que encarado segundo a sucessão histórica de situações de ocupação efetiva por um povo — inclusive a situação atual — como resultado da ação de um povo, do trabalho de um povo”. Smith (1988, p. 123) nos lembra que a ideia de produção do espaço significa a formação integrada da consciência e da vida material — “a produção do espaço também implica a produção do significado, dos conceitos e da consciência do espaço, que estão inseparavelmente ligados à sua produção física”. O território usado seria a construção unificada de duas demandas locais, todavia decorrentes de uma sociedade mais ampla que o lugar: a tecnosfera, a dimensão dos objetos, e a psicosfera, dimensão ligada ao mundo da ação e das ideias.

2 A Lei Complementar nº. 870, de 19 de junho de 2000, estabelece as normas de funcionamento da RMC. A regionalização compreende 19 municípios, numa área considerada um dos maiores polos tecnológicos do país, inserida no chamado de complexo metropolitano expandido, que corresponde às regiões metropolitanas de São Paulo, Campinas e Baixada Santista. Concentrando em 2005 6,3% da população estadual, a RMC, nos últimos trinta anos, teve sua população aumentando de 680.826 habitantes para 2.383.230 habitantes (IBGE, Censo, 2000). Durante as décadas de 1970 e 1980, a área abrigou intensos fluxos migratórios e, assim como outras metrópoles brasileiras, passa por uma urbanização acelerada, intensificando o processo de segregação-fragmentação que historicamente acompanhou a sua configuração urbana.

visitas a lugares conformados ou apropriados pelo circuito *hip hop*.

Neste artigo, propomos uma abordagem do espaço ao longo do tempo dinamizado pela cultura *hip hop*, apresentando uma periodização do circuito *hip hop* na região de Campinas. Iniciamos os trabalhos pondo em relevo os lugares e as pessoas envolvidas com a chegada da cultura *hip hop* em Campinas, em meados dos anos 1980, momento que perdura até aproximadamente 1997 e corresponde ao gradativo atrelamento do circuito em torno dos bailes *black*. Em seguida, apresentamos informações sistematizadas em dois quadros destacando as posses, famílias e demais órgãos articuladores do *hip hop* na região, bem como a aproximação do circuito com partidos políticos, tendências que apontam para um segundo momento em nossa periodização, no qual parte do circuito se torna menos cultura de rua do que movimento institucionalizado.

A cultura *hip hop* e o lugar

Importante categoria de análise do espaço geográfico, no lugar temos, além das demandas externas, o abrigo da convivência e da contiguidade, a vida comum, os hábitos e tudo o que funda o entorno, o mundo vivido, obra coletiva, sob a qual se edificam valores, normas e as solidariedades do saber.

A forte ligação do *hip hop* com o lugar confere a esse movimento a condição de ser uma das principais expressões das periferias das cidades brasileiras. O conteúdo crítico do *hip hop* remonta às suas origens no bairro do Bronx, em Nova Iorque, na década de 1970. Na época, o bairro já havia se tornado lugar fragmentado, marcado com a segregação e o desemprego da população pobre, negra e hispânica (ROSE, 1997; TELLA, 2000). Insatisfeitos com a situação de exclusão a que eram submetidos, alguns jovens do entorno propuseram resistir a partir do resgate de sua autoestima e de uma crítica sistematizada a sua condição socioterritorial. Surgiram então manifestações culturais de caráter urbano, alicerçadas sobre uma série de valores, tais como o conhecimento da cultura negra e do seu próprio entorno, que deram corpo ao circuito *hip hop*.

Keyes (1996) explica que o termo *hip hop* é uma expressão popular relativa à dança que continha os movimentos de salto (*hip*) e de balanço dos quadris (*hop*). O *hip hop* constitui-se de três elementos artísticos: o *rap*, o *break* e o grafite e se conforma somente com a indissociabilidade entre os três. O *rap*, expressão musical do *hip hop*, teve sua origem inspirada em composições com rimas faladas de líderes negros da década de 1960, que cantavam contra a discriminação, sendo o elemento que mais espaço tem na mídia (LOURENÇO, 2002).

Considerado a arte de persuasão, da mudança de consciência, esse estilo de

música incentiva o engajamento para a luta; representa a voz da comunidade marginalizada. Os *rappers* desenvolvem sua arte a partir dos grupos, constituídos pelo *MC* (mestre de cerimônias) e pelo *DJ* (*Disc Jockey*), responsáveis, respectivamente, pelo canto e pela parte instrumental do *rap*. A expressão corporal do movimento é dada pelo *break*, um tipo de dança que se mistura com golpes de artes marciais e que surgiu nos guetos novaiorquinos com o objetivo de mostrar o descontentamento com a Guerra do Vietnã — por meio de evoluções presentes até hoje, simbolizavam o movimento dos helicópteros e dos soldados feridos em guerra (ANDRADE, 1996, p. 86). O *break* foi incorporado ao *hip hop* como alternativa para a luta entre gangues, que foi substituída por combates de dança. Os dançarinos de *break* se organizam em *crews* (grupos) e são chamados de *breakers*: *b. boys* (os homens) e *b. girls* (as mulheres). O grafite, por sua vez, é o elemento que corresponde à expressão visual do *hip hop*, um estilo de pintura que aparece em diversos fragmentos de espaços urbanos, tais como viadutos, muros, vagões de trens, entre outros. Sua manifestação representa uma invasão simbólica dos excluídos que, por meio das pinturas, transmitem as suas mensagens para a cidade. Lourenço (2002, p. 20) afirma ser o grafite “uma linguagem moderna e renovada” que “estabelece um diálogo urbano criativo e bem humorado, denunciando as mazelas da sociedade”. De maneira semelhante ao *break*, a organização dos grafiteiros frequentemente ocorre a partir das *crews*. Para saber mais sobre a origem do *rap*, consultar Tella (2000), Silva (1998) e Andrade (1996).

No movimento *hip hop*, a cultura e os ideais de revolução se confundem. Para provocar mudanças e reivindicar seu espaço, o militante *hip hopper* deve conhecer sua história, seus direitos e deveres, ou seja, exercer sua condição cidadã, um pressuposto para a mudança, chamada pelos seus militantes de revolução pela consciência.

Rapidamente, o *hip hop* se tornou uma linguagem mundializada (GRANGENEUVE, 2006). Lourenço (2002, p. 1) pontua que, a despeito da difusão do *hip hop* pelo mundo, “alguns lugares foram propícios ao seu desenvolvimento, devido às condições de miséria e pobreza de sua periferia”, o que levou o movimento a adotar “o lema de que onde existe periferia, existe *hip hop*”³.

No Brasil, a cultura *hip hop* tem suas primeiras manifestações com o *break* nos

3 Sobre a periferia, numa tendência global, incidem relações cada vez mais complexas, o que nos levar a crer na impossibilidade de se trabalhar com um conceito de periferia firmado na relação geométrica centro-periferia. Raffestin (1993, p. 189) argumenta que “fazer referência ao centro ou à periferia é cristalizar uma relação de termos geométricos e, por isso, torná-la estática. Se quisermos construir uma análise a partir das noções dinâmicas, é preciso falar de organizações ou de grupos em situação de centralidade e de organizações ou de grupos em situação de marginalidade”.

bailes *black* paulistanos, por volta de 1983. Porém é nas ruas que o *hip hop* se desenvolve, em lugares como o Largo São Bento e a Rua 24 de Maio, na cidade de São Paulo. Entre os anos de 1983 e 1988, o *hip hop* se organiza em torno das *crews* de *break*, com a chamada “velha escola”, que consegue se articular a despeito da perseguição dos policiais e dos comerciantes do centro da cidade. Nesse período, o *rap*, então chamado de “tagarela”, inicia sua expansão com o surgimento dos primeiros grupos e discos de *rap* nacionais (ANDRADE, 1996, pp. 128-131).

Silva (1998, p. 132) afirma que, na cultura *hip hop*, a periferia não é apenas uma referência geográfica: o pertencimento à periferia significa “ser jovem pobre, preto, branco ou pardo, ou seja, socialmente excluído”. Os *hip hoppers* bem sabem que habitam espaços opacos (SANTOS, 1994), lugares esquecidos pelo poder público e onde as possibilidades do período atual existem mais como miragens. Santos (2000) lembra que os militantes do movimento *hip hop* querem pensar a cidade como um todo, algo que aparece em oposição à fragmentação e à segregação do espaço urbano brasileiro.

A gênese do uso do território pelo *hip hop* campineiro e o circuito dos bailes *black* (...1997).

Em meados da década de 1980 — sob os ecos do que acontecia há poucos quilômetros dali, na Grande São Paulo, onde o movimento *hip hop* tomava corpo —, jovens de diversas periferias de Campinas, que se reuniam informalmente no Terminal Central para discutir coisas de seu cotidiano, problemas e novidades de seu pedaço, passaram a incluir em suas discussões a chegada do *hip hop*, cujos valores em muito se aproximavam de suas realidades. O assunto tomou conta também das discussões dos jovens do “Malaquias Funk Show”, que se reuniam no Largo do Rosário e no Bosque dos Jequitibás, e a partir daí ensaiavam os primeiros passos do *break*. Nesse primeiro período de uso do território pelo circuito *hip hop*, inicialmente os espaços públicos foram apropriados e gradualmente bailes *hip hop* foram organizados no centro de Campinas.

Sunega (2001) pontua que nessa época, aproximadamente em 1988, os membros do movimento *hip hop* campineiro já utilizavam espaços públicos para exercerem suas atividades. A autora destaca o “Hot Sunday”, um evento que ocorria aos domingos na Avenida Aquidabã, no centro da cidade, e que, com a crescente difusão entre os jovens da cidade, foi transferido para o Teatro de Arena do Centro de Convivência Cultural de Campinas.

Com o tempo, surgiram problemas para a utilização de espaços públicos por parte dos *hip hoppers*, integrantes de um movimento que a população em geral

pouco conhecia. Sunega (2001, p. 19) lembra que a partir daí “os principais pontos de encontro para os membros do *hip hop* passaram a ser os bailes *black* realizados pelos baileiros”, denominação para os “empresários que faziam famosos bailes em Campinas, em que as principais atrações eram os grupos de *rap* ou samba” (SUNEGA, 2001, p. 19).

A orientação do *hip hop* em torno dos bailes destaca casas como Clube da Cidade, Casa de Portugal, Dinamite, Banana Power, Bahamas, Ebanus e Fly, que originou a Zeus, além do Nifama, uma casa de *shows* no centro da cidade de Campinas, ao lado da Galeria Pajé⁴. O local é importante para entender o circuito *hip hop* campineiro: os bailes *black* que lá aconteciam foram as primeiras manifestações sistematizadas do *hip hop* na cidade, difundido a partir de suas periferias.

Empolgados com a nova proposta, que previa um engajamento, esses jovens viram, além de entretenimento, uma forma de expressarem suas insatisfações. Rapidamente, e em torno da dinâmica das casas de *shows*, se apresentaram os *breakers* e, sob a influência dos primeiros grupos de *rap* da capital paulista, iniciava-se a organização do *hip hop* em Campinas.

Na cidade, a primeira gravação de *rap* cabe ao Mano Tuta, que influenciou diversos jovens da cidade, identificados com a iniciativa. Entre 1992 e 1996, surgem juntos vários grupos de *rap*, como o Dragões de Ouro, que ainda nessa época deu origem ao Sistema Negro⁵, ao Execução Sumária e ao Visão de Rua, entre outros. Pouco a pouco, os grupos movimentavam um circuito de apresentações ao lado de nomes do *rap* paulistano, no Nifama e em outras casas de *shows* do município. Nesse momento, os militantes do *hip hop*, ainda embrionário, intentavam maior articulação e começavam a se encontrar no Sindicato dos Metalúrgicos de Campinas e Região.

O grafite passava a fazer parte da paisagem urbana campineira e os *breakers* se organizavam para apresentações em casas de *shows*. Os grupos de *rap* da cidade e da região se tornavam reconhecidos na capital paulista: ganhava projeção o novo circuito. O ano de 1994 marcou a afirmação do *hip hop* campineiro, sendo considerado o ano do *hip hop*. Ainda sem a interferência da mídia, que pouco sabia sobre a rápida invasão do novo estilo, o movimento, a despeito do circuito dos bailes, possuía vida própria e cada vez mais ganhava novos adeptos, tornando-se comum a imagem dos jovens na rua com os rádios no chão, dançando o *break*. No

4 No local conhecido como “Boca do Lixo”, atualmente funciona um estacionamento.

5 “Ponto de Vista” (1993), o primeiro disco do Sistema Negro, é considerado até hoje um dos marcos do *rap* campineiro, tendo alavancado o movimento *hip hop* em sua estruturação, no início da década de 1990.

mesmo ano, o grupo de *rap* estadunidense RUN-DMC⁶, ícone mundial do *hip hop*, se apresentou no Nifama.

Em 1995 ocorreu o fechamento do Nifama. Mesmo assim, ainda existiam cinco casas de *shows* que abrigavam eventos *hip hop* em Campinas. Iniciava-se o período em que o *hip hop*, após o estouro inicial, passava a ser desinteressante para os baileiros, com as equipes de bailes⁷, muitas vindas da capital paulista, deixando Campinas. Sunega (2001, p. 19) explicita a relação estritamente comercial dos baileiros para com o *hip hop* em Campinas: “esses empresários (os baileiros) só mantinham um vínculo comercial com o movimento *hip hop*, ou seja, permaneciam organizando festas de *hip hop* até o momento em que era lucrável realizar eventos desse tipo na cidade”.

Para entender a perda de interesse dos baileiros em Campinas, é importante lembrar que, nessa época, a Rádio 105 FM passa a ter o *rap* em sua programação. Como resultado, o gênero se espraia e a divulgação, antes feita apenas pelos *DJs* nas casas especializadas, toma maiores proporções. Outro duro golpe para as casas de *shows* foi a proliferação dos chamados megaeventos de *hip hop*, patrocinados, entre outros, pela própria 105 FM. Os *hip hoppers* lembram que nesses eventos reuniam-se cerca de dez grupos de *rap* em apresentações mensais, o que compensava para quem acompanhava o *hip hop* pois, pelo preço de um *show*, viam-se várias apresentações, ao contrário das casas, que comportavam *shows* menores, por preços similares.

A queda do circuito estruturado em torno da dinâmica dos bailes *black* fez com que os *hip hoppers* campineiros sentissem os efeitos da dependência que havia se instalado no circuito em relação aos baileiros. Nos anos seguintes de 1996 e 1997, os locais para difusão da cultura *hip hop* tornam-se escassos; a articulação do circuito conhece um declínio e vários adeptos dele se afastam, o que leva alguns antigos militantes a pensarem em alternativas para fortalecer novamente a cena⁸ na cidade. Reunindo-se periodicamente no Centro, nos bailes em declínio, em praças

6 Esse grupo, juntamente com o Public Enemy, ficou conhecido como um dos porta-vozes dos negros e excluídos estadunidenses, principalmente durante a década de 1980.

7 Associadas às figuras dos baileiros, haviam as equipes de bailes (como a Colors), que participavam da organização de eventos nas casas de *shows*. Pessoas dessas equipes são lembradas até hoje pela militância campineira, como Zezé Vital, divulgador de eventos por toda a cidade.

8 Com a cena, almejamos discutir a centralidade dos contatos, articulações, elos cooperativos e toda sorte de situação de encontros e transmissão de informações, no âmbito do circuito sonoro mais ligado à informação ascendente. A respeito da cena, diz-se que ela “acontece” e refere-se à espessura que uma manifestação artística toma num dado lugar. Enquanto o segmento se refere ao mercado, a cena se aprofunda no mundo vivido, um circuito rico de informações do diverso e do maleável, baseado mais em trocas do que em imposições. A cena poderia, desse modo, nos conduzir às densidades comunicacional, informacional e técnica a partir da dimensão cotidiana da produção artística.

ou no Paço Municipal, eles pensavam em reestruturar o *hip hop* campineiro e ensaiavam a formação de uma posse.

Iniciavam-se conversas com agentes do poder público e o então vereador Sebastião Arcanjo (PT), o Tiãozinho, cedeu seu gabinete para que este fosse usado como escritório pelos militantes do movimento, que buscavam articular os três elementos do *hip hop* campineiro. Assim começava uma nova e controversa fase do circuito na cidade e na região, que correspondia à sua institucionalização e à formação de um “movimento”, fato que ocorreu ao mesmo tempo em que a tentativa de maior aproximação entre o grafite, o *rap* e o *break*. Antes de abordarmos esse novo momento, apresentamos algumas informações sobre os bailes *black* na região de Campinas (Quadro 1).

O circuito dos bailes *black* na região de Campinas

A disseminação do *hip hop* em Campinas não se deu de forma isolada do entorno, tendo sido importante o intercâmbio com outras cidades. Diversas articulações presentes até hoje tiveram sua origem a partir da troca de ideias dos jovens de diferentes cidades da região ainda no período dos bailes *black*, além do intercâmbio com a aglomeração paulistana. Os *hip hoppers* afirmam a importância que essa troca de ideias teve para entenderem a nova proposta e organizarem os primeiros eventos em conjunto, conhecendo pouco a pouco, por meio do *hip hop*, as outras cidades onde moravam os seus “manos”.

Quadro 1. Os bailes *black* na região de Campinas

Americana	<p>Ao que tudo indica, Americana, juntamente com Campinas, foi uma das primeiras cidades da região a abrigar manifestações <i>hip hop</i>, com a chegada do <i>break</i> aos seus bailes, no início da década de 1980. Esses bailes, durante muito tempo, estruturaram o movimento <i>hip hop</i> americanense.</p> <p>Nessa época, destacava-se a casa de <i>shows</i> MAF (local em que funcionava um bingo em 2005), palco para os primeiros passos dos futuros <i>b. boys</i> que, ainda sem muita informação a respeito dos valores da cultura <i>hip hop</i>, se identificavam mais com o <i>break</i>. Em meados da década de 1980, surge a Squalidus, destaque do <i>hip hop</i> da região. Situada no centro da cidade, local em que hoje funciona uma loja de roupas, a Squalidus abrigava inicialmente combates de <i>break</i>, e com o tempo passou a ter apresentações de grupos de <i>rap</i> em meio aos seus bailes, se tornando ponto de encontro para <i>hip hoppers</i> de Americana e diversas cidades vizinhas, como Limeira, Santa Bárbara d'Oeste, Sumaré, Nova Odessa, Piracicaba, entre outras. Fechada em 2000⁹, a casa é apontada por militantes de toda a região como símbolo da organicidade <i>hip hop</i>, tendo acompanhado a expansão do movimento para o interior paulista e ganhando dos <i>hip hoppers</i> a denominação de "lugar 100% periferia".</p> <p>Praticamente em paralelo ao fechamento da Squalidus, surgiu a Casa Beija Flor. Também no centro da cidade, o local, que hoje abriga uma tecelagem, não funcionou por muito tempo. De acordo com os <i>hip hoppers</i> da cidade, apesar da boa estrutura, não houve continuidade, pois a casa investiu em grandes <i>shows</i> de <i>rap</i>¹⁰, numa época em que o gênero tinha pouca força na cidade, se comparado ao <i>break</i>.</p>
Hortolândia	<p>O <i>hip hop</i> inicia suas manifestações com os bailes organizados de maneira esparsa em vários pontos da cidade, como no Jardim Rosolém. É nesse bairro que, em meados de 1984, época que Hortolândia ainda era distrito de Sumaré¹¹, a equipe Jeans Clube, que tocava gêneros do <i>funk</i> à <i>black music</i>, se une à equipe Asa Branca na realização dos bailes de maneira itinerante. Proximamente no fim da década de 1980, entra em funcionamento a Casa Terremoto, hoje uma academia no centro da cidade. Na década de 1990, houve outras casas com bailes <i>black</i>: Ponto de Encontro, Babilônia e Esquema Clube.</p> <p>É nesse circuito que surgem os primeiros grupos de <i>rap</i> e os primeiros concursos de <i>break</i> de Hortolândia, tendo se tornado comum por toda a cidade, já no início da década de 1990, ver os jovens reunidos nas calçadas para dançar o <i>break</i> e improvisar rimas.</p>
Indaiatuba	<p>As primeiras manifestações <i>hip hop</i> na cidade remontam para o início da década de 1990, com <i>shows</i> de <i>rap</i> ocorrendo em locais como o clube Tejusa, nos arredores do centro. As apresentações dos Racionais MC's, Thaíde e DJ Hum e Sistema Negro serviram de inspiração e permitiram o início das articulações com o <i>hip hop</i> de outras cidades¹².</p>

9 A militância local lembra da importância de Pardal, organizador dos eventos na Squalidus por vários anos.

10 Entre os grupos que se apresentaram na Beija Flor, estão os Racionais MC's, Thaíde e DJ Hum, Consciência Humana e Sistema Negro.

11 O desmembramento de Hortolândia ocorreu em 1991.

Jaguariúna	Por volta de 1996 e 1997, havia o Baile do Rosado, no Parque Mauá, área central da cidade, que abrigava <i>shows</i> de <i>rap</i> às sextas feiras e funcionou durante cerca de um ano.
Monte Mor	Pouco se sabe a respeito da cena <i>hip hop</i> na cidade no início da década de 1990, com apenas informações esparsas sobre bailes <i>black</i> itinerantes. A última casa com eventos <i>hip hop</i> foi a Apocalipse, que funcionou entre 1995 e 1996 no Jardim Paviotti, tendo recebido grupos como Visão de Rua e Sistema Negro, ambos de Campinas, num período que coincidiu com o auge das casas de <i>shows</i> como difusoras do movimento na região.
Santa Bárbara d'Oeste	Funcionou na segunda metade da década de 1990 a Jump, uma casa onde se praticava o <i>break</i> , e mais recentemente a Funny, ambas na Zona Leste da cidade. Tendo encerrado as atividades em 2004, a Funny funcionou por quase dois anos ¹³ , abrigando regularmente <i>shows</i> de <i>rap</i> . O local foi palco para apresentação de grupos da região e de todo o estado, como o Facção Central, DBS e a Quadrilha, entre outros.
Sumaré	Apesar da forte presença do <i>hip hop</i> em Sumaré, não foram muitas as casas especializadas no gênero na cidade. Em grande parte, isso se deve ao intenso fluxo de <i>hip hoppers</i> de Sumaré para acompanhar a cena campineira e até mesmo em Hortolândia, fenômeno que ocorre desde as primeiras manifestações do <i>hip hop</i> na RMC na década de 1980, perdurando até hoje. No início da década de 1990 (período ignorado), funcionou a Casa Zoom, no centro, local em que predominava a prática do <i>break</i> .

Elaboração própria.

De acordo com os relatos, pode-se afirmar que a rápida projeção do *hip hop* em Campinas aconteceu a partir de uma forte relação com as cidades vizinhas, sobretudo Sumaré e Hortolândia (Figura 1), com jovens dessas e de outras cidades participando da construção dessa nova cena. Em paralelo a isso e em torno dos bailes *black*, surgem outros eixos *hip hop*, como em Santa Bárbara d'Oeste e Americana (Figura 2). Acreditamos que foram importantes nesse processo a proximidade entre essas cidades e o trânsito de pessoas entre elas.

12 Os *hip hoppers* da cidade lembram que, em virtude da aproximação com o grupo de *rap* Sistema Negro, de Campinas, em sua primeira apresentação em Indaiatuba, o extinto grupo Penicilina, da Morada do Sol, participou do *show* de lançamento do disco de estreia do grupo campineiro, realizado no Nifama, em 1994.

13 Apesar de não mais contar com eventos regulares, a casa ainda abrigava em 2005 eventos *hip hop* esporádicos, como um concurso de *rap* realizado entre grupos de Santa Bárbara d'Oeste e Americana, em outubro de 2004, tendo como prêmio a gravação de um disco pelo selo da Família GOG.

Figura 1. A Região Metropolitana de Campinas.



Fonte: Emplasa, 2002.

Figura 2. Principais fluxos de *hip hoppers* para eventos em casas especializadas na Região Metropolitana de Campinas (1987-1997)



Elaboração cartográfica: Cristiano Nunes Alves e Alcides Manzoni Neto.

Por fim, chamamos a atenção para o fato de que o processo de esvaziamento do circuito em torno das casas especializadas em eventos *hip hop*

não se restringiu a Campinas. Tal processo se estendeu à RMC como um todo e pode ser observado nas figuras 3 e 4:

Figura 3. Distribuição das casas especializadas em eventos *hip hop/black* na Região Metropolitana de Campinas (1987-1997)



(figura sem escala)

Elaboração cartográfica: Cristiano Nunes Alves e Alcides Manzoni Neto.

Figura 4. Distribuição das casas especializadas em eventos *hip hop/black* na Região Metropolitana de Campinas após 1997



(figura sem escala)

Elaboração cartográfica: Cristiano Nunes Alves e Alcides Manzoni Neto.

A Institucionalização do *hip hop* na região de Campinas: entre a autonomia e a partidarização (1997-2005)

Os órgãos articuladores do circuito *hip hop* na região

Em 25 de janeiro de 1989, no *show* de aniversário de São Paulo, no Vale do Anhagabaú, organizado pelo Partido dos Trabalhadores (PT), comemorando a eleição da então prefeita Luiza Erundina, Milton Salles lançava o Movimento *Hip Hop* Organizado (MH2O)¹⁴, com apresentações de *rap* dos Racionais MC's, Thaíde & DJ Hum, entre outros. O evento acelerou a disseminação dos grupos de *rap* pois, influenciados pela nova proposta, os jovens compartilhavam uns com os outros as experiências em torno do ainda embrionário *hip hop* nacional. Assim, em pouco tempo surgiram as primeiras articulações da Grande São Paulo, com a formação das posses, elementos importantes para o desenvolvimento do *hip hop* no Brasil.

A mediação entre o lugar, a comunidade próxima e os integrantes do movimento *hip hop* tem nas posses um dos elementos centrais, pois elas possibilitam ações nos planos político, cultural e comunitário. Andrade (1996) define as posses como associações locais em que os militantes do movimento *hip hop* procuram reelaborar a realidade conflituosa das ruas em termos da cultura e do lazer. De acordo com a autora, essas associações, em geral, reúnem grupos de *rap*, *breakers* e grafiteiros com o objetivo de promover "o aperfeiçoamento artístico dos elementos do *hip hop* e divulgação dessa cultura de rua em sua autenticidade" (ANDRADE, 1996, p. 162). Além das posses, outras formas de organização do movimento, tais quais as casas do *hip hop*, surgiram com o tempo. No Quadro 2, a seguir, destacamos o inventário dos órgãos articuladores do *hip hop* na região de Campinas.

14 De acordo com Salles, o MH2O teve como intuito "criar cooperativas para a produção de *shows* e CDs, para lutar por verbas para oficinas de *hip hop* e profissionalizar a nova geração de artistas de *break*, *graffiti* e *rap*" (REVISTA CAROS AMIGOS, 2005, p. 5).

Quadro 2. Órgãos articuladores do *hip hop* na região de Campinas

Posse Rima & Cia. (desde 1996)

Campinas Entre os anos de 1996 e 1997, surge a Posse Rima & Cia., a partir de grupos de *rap* já reunidos nas posses Força Cultural e Malacos da Casa¹⁵. Para cessar com a dependência dos baileiros na organização dos eventos *hip hop*, os membros da posse organizaram em 1997 o I Seminário *Rap* em Trânsito, com o apoio do vereador Tiãozinho. Sunega (2001, p. 21) lembra que “o primeiro evento organizado unicamente pela Posse Rima & Cia. foi o *Hip Hop* Camp, no ginásio Rogê Ferreira em meados de 1998, que contou com presença de diversas personalidades ligadas ao movimento *hip hop* de São Paulo, além da apresentação de grupos de *rap*, *breakers* e grafiteiros da região de Campinas”.

Em 1999, já se reunindo em sindicatos filiados à CUT ou ao PT, a posse ganha registro em cartório, contando com cerca de quarenta grupos de *rap*. Em seis anos, a Posse Rima & Cia. se torna a maior do Brasil em número de grupos de *rap*, com cerca de 60 filiados, de Campinas e região. Sua sede, até o início de 2005, era na *Hop* na Estação cultura, e suas ações são desenvolvidas em conjunto com o órgão. Hoje, sem sede fixa, a posse passa por reestruturação.

A Rima & Cia. conta com CNPJ, um cadastro dos grupos filiados e trabalha com o que os *hip hoppers* chamam de braços estendidos, mantendo ligação com cidades vizinhas, como Cosmópolis, Indaiatuba, Jaguariúna, Pedreira, Valinhos e Sumaré. Antes mesmo da instalação da Casa do *Hip Hop*, a Rima & Cia. percorreu todo o interior, passando por Araraquara, São José do Rio Preto, Bauru, Piracicaba, Sorocaba, entre outras cidades. Em 2000, a posse lançou uma coletânea intitulada “Rima & Cia. - A posse com novos grupos de Campinas e região”. O lançamento foi pela gravadora independente MCK, de São Paulo, que cobrou R\$2.600,00 por 100 cópias do álbum. Entre os planos da posse, em 2005, estavam a criação de uma produtora e um selo. O primeiro trabalho já estava em andamento, com o lançamento de outra coletânea previsto para 2006, contando com metade dos grupos da região de Campinas e outra metade do restante do interior paulista.

Casa do *Hip Hop* (2002-2006)

Campinas Rumo à articulação entre o grafite, o *break* e *rap* na cidade, outras cidades, como São Bernardo do Campo e São Paulo, que já tinham casas do *hip hop*, serviram de inspiração para o projeto de uma casa em Campinas. Foi com esse intuito que os integrantes da posse de *rap* Rima & Cia., da posse de grafite União dos Grafiteiros de Campinas e Região (UGCR) e dos *breakers* de Campinas se uniram no mesmo projeto para criação desse fixo público. Sob a promessa de um local, os *hip hoppers* participaram da campanha para a prefeitura de Campinas em 2000, apoiando o candidato Antônio da Costa Santos, o Toninho do PT. Vale lembrar que a aproximação com o PT não congregou toda a militância *hip hop* campineira, sendo uma parcela contrária a essa ligação.

Eleito o prefeito Toninho, os militantes do movimento conseguiram um dos galpões da Estação Cultura¹⁶, inserida no projeto de revitalização do centro. A organização contava com um coordenador geral indicado e um coordenador para cada elemento do *hip hop*,

15 De acordo com Sunega (2001, p. 20), “os grupos eram: Júri Criminal, Artigo 157, Execução Sumária, 4 Bases, Inimigos do Sistema e Ato Suspeito”.

16 Trata-se da antiga estação ferroviária da cidade, que foi reformada e agora abriga atividades culturais do município, além de eventos como *shows*, oficinas de arte em geral, palestras e exposições.

escolhido mediante votação. Os coordenadores recebiam remuneração mensal da prefeitura municipal. Além destes, atuavam na casa alguns voluntários.

O trabalho da casa não se restringiu a Campinas: ocorreu o intercâmbio com *hip hoppers* das cidades da região que foram à casa em busca de orientações, auxílio para eventos, troca de ideias sobre as dificuldades e planos para a difusão do movimento. Por intermédio da Casa, foram apresentados à prefeitura municipal projetos reivindicando apoio para atuação junto à comunidade, bem como para a realização de eventos, como o *Hip Hop* na Concha¹⁷, possível a partir dessa iniciativa. Além dos projetos por eles desenvolvidos, os militantes participavam de projetos sociais em parceria com órgãos como a FEBEM (Fundação Estadual do Bem-Estar do Menor), escolas e núcleos comunitários.

No ano de 2005, muito se falava sobre a proposta de descentralizar o trabalho da Casa, projeto que passava pela revitalização das nove casas de cultura existentes do município, que receberiam as oficinas de *hip hop*, bem como grande parte das atividades desenvolvidas no período 2003 a 2004 na Casa do *Hip Hop*¹⁸. Em 2006, porém, a Casa do *Hip Hop* encerra suas atividades devido a mudança no governo municipal.

Conselho Municipal do *Hip Hop* (2002-2005)

Campinas Campinas, entre os anos de 2002 e 2005, contou com o Conselho Municipal do *Hip Hop*. O órgão previa o trânsito normativo do movimento no nível municipal, significando maior capacidade de atuação, fosse no contato com a coordenadoria da juventude, a secretaria de cultura ou qualquer outro órgão ligado ao poder público municipal. O conselho era composto por 21 membros e sete suplentes e funcionava em conjunto com a Casa do *Hip Hop*. Como exemplo da atuação do conselho temos os projetos realizados em escolas municipais, cujos trâmites necessariamente passavam por essa instância.

Posse Força Cultural (desde 2003)

Hortolândia Sem sede fixa e fundada em 2003, a Posse Força Cultural tem como objetivos desenvolver projetos sociais e divulgar os grupos de *rap* que fazem parte da posse, composta de 25 grupos, de Hortolândia (18 deles), Campinas, Valinhos, Sumaré, Monte Mor e Americana. O órgão realiza eventos *hip hop*, a maioria deles em Hortolândia.

Mantendo contato com outras entidades, como o Movimento Negro Unificado ou os *Punks* do ABC-Paulista, os membros da Força Cultural utilizam a Câmara Municipal de Hortolândia para fazer suas reuniões. Estes afirmam que o apoio da prefeitura

17 Evento tradicional no calendário *hip hop* da região, o *Hip Hop* na Concha aconteceu mensalmente de 1997 até 2003, ano em que, devido a incidentes num evento de música eletrônica, o espaço foi interditado. De acordo com a antiga direção da Casa do *Hip Hop*, o evento retornaria em 2005.

18 Em maio de 2005, já estavam funcionando as casas de cultura das regiões da Vila Costa e Silva, DIC, Itajaí II, Sousas, Joaquim Egídio, Padre Anchieta e Casa Tainá, todas com atividades *hip hop* em fase de implantação. O projeto previa ainda a construção de uma casa de cultura na zona sul da cidade, em local a ser definido.

municipal ao *hip hop* cresce, seja para realização de eventos ou divulgação de projetos sociais. Muito desse apoio se deve ao fato de o *hip hop*, em especial o *rap*, ter se espreado como linguagem dos jovens do município, conhecido pelos seus grupos.

Posse Barraco dos Manos (2001)

Indaiatuba Na tentativa de institucionalizar o *hip hop* na cidade, tentou-se a implantação da posse Barraco dos Manos, em 2001. A posse funcionou por alguns meses durante esse ano, com sede no Jardim Califórnia, no prédio de um antigo sindicato e com apoio inclusive de igrejas da cidade para a realização de apresentações. A iniciativa, lembram os *hip hoppers*, não logrou resultado devido a desentendimentos internos. Hoje, a posse está em vias de reativação, numa iniciativa que integra o projeto da Frente Nacional do *Hip Hop*.

A militância local explica que a reativação da posse tem como mediador o prefeito municipal, José Onerio (PDT), que afirmou em reunião com os *hip hoppers* a importância do movimento, em especial do grafite, para conter as crescentes pichações na cidade, o que, segundo ele, estaria prejudicando a atração de empresas¹⁹.

No início de 2005, aconteceram as reuniões que definiram as atribuições da posse, bem como a sua estrutura interna. Os *hip hoppers* asseveram que a violência vem aumentando na Morada do Sol, com um incremento em especial de roubos e furtos, aspecto relacionado com a disseminação de drogas como a cocaína e em especial o *crack* entre os jovens da cidade. Entre os objetivos da Barraco Dos Manos está a divulgação de informações junto aos jovens, em especial da periferia, sobre drogas, além da divulgação dos valores da cultura *hip hop* e afins, por meio de oficinas de grafite, *break*, *rap*, discotecagem, capoeira, entre outras. A militância local afirma que esse tipo de orientação deve ser conduzida por quem está diretamente ligado com a dinâmica da periferia e, por conseguinte, com o cotidiano dos jovens.

Posse Movimento *Hip Hop* do Interior (2002-2003)

Pedreira Por volta de 2001 se iniciou no Jardim Triunfo, periferia de Pedreira, um projeto que consistia em apresentações *hip hop* aos finais de semana, chamado de Projeto Triunfo. Em pouco tempo, o evento ganhou força e passou a atrair jovens de cidades como Itapira e Jaguariúna. O circuito formado implicou num maior contato entre jovens das diferentes cidades e possibilitou, em 2002, o surgimento da posse Movimento *Hip Hop* do Interior, ideia que perdurava desde 2000 entre os *hip hoppers* pedreirenses, mas carecia de mais integrantes para acontecer.

A posse contava com cerca de 16 grupos de *rap*, além de *breakers* e grafiteiros das cidades de Amparo, Jaguariúna, Pedreira, Mogi Mirim e Itapira²⁰. Funcionando sem ligação a partidos políticos ou apoio de administrações públicas municipais, o MH2-Interior realizou e participou de diversos encontros, como o FECONEZU (Encontro

19 Em Indaiatuba, reativou-se um projeto de posse na cidade, após um contato do prefeito local entre 2005 e 2008, José Onério (PDT), que afirmou ser o grafite importante na luta contra as pichações na cidade, que de acordo com ele estariam dificultando os investimentos na cidade por parte das indústrias. Isto é, a organicidade do *hip hop* é utilizada, por meio da sua pintura, do seu protesto visual, para atrair as indústrias, vetores de verticalidades. No próprio município de Indaiatuba temos casos como o da Unilever, que em 2003 demitiu 62 funcionários no mesmo dia, em virtude da instalação de um maquinário sofisticado, importado da Itália, no setor de embalagem. Na ocasião, a empresa abriu um programa de demissão voluntária que teve apenas seis adesões. Entre os demitidos da empresa estavam na quase totalidade funcionários mais velhos com grandes dificuldades de inserção no mercado de trabalho.

20 A posse tinha cinco grupos de *rap* de Mogi Mirim, quatro de Jaguariúna, três de Pedreira, dois de Amparo e dois de Itapira.

Regional Negro Zumbi), organizado pelo movimento negro da região²¹.

Com o fim das reuniões do Projeto Triunfo, abalou-se a articulação entre os integrantes da posse: já não havia mais um ponto de encontro. Iniciou-se assim a dissolução do órgão, o que enfraqueceu o *hip hop* das cidades que dela participavam. Em 2005, o município já não contava com nenhum evento regular ou casa de *show* ligada ao movimento *hip hop*.

Projetos em andamento (2005)

Monte Mor Americana Santa Bárbara d'Oeste Jaguariúna

Em Monte Mor, desde setembro de 2004 os *hip hoppers* da cidade discutem a formação de uma posse²². O intuito, num primeiro momento, é mostrar organização para reivindicar apoio do poder público e daí aumentar a articulação no âmbito municipal. A iniciativa vem sendo discutida com as posses Força Cultural e Rima & Cia., das quais fazem parte *rappers* da cidade.

De modo semelhante, em 2005 as militâncias *hip hop* de Americana e Santa Bárbara d'Oeste se empenhavam em criar casas de *hip hop* em cada uma das cidades. Os projetos, encaminhados às prefeituras municipais de ambas as cidades, estiveram prestes a serem implantados, mas esbarraram, também em ambos os casos, na falta de verba. Em Americana, um projeto estava previsto para a Vila Mathiensen, periferia da cidade, e em Santa Bárbara d'Oeste o local escolhido havia sido o bairro Nova Conquista, talvez o mais carente da cidade.

Em Jaguariúna, o projeto para a construção de uma casa vinha sendo discutido entre a militância local e a prefeitura, que ainda não se posicionara a respeito da implantação do fixo.

Outras formas de articulação

Observamos outras formas de articulação *hip hop*, como a FURG (Função e União Ritmo do Gueto). Sem sede fixa, foi criada no início de 2005 por iniciativa de jovens *hip hoppers*, que dedicavam as horas vagas para organizar as ações da FURG: o intuito era realizar eventos pelas periferias, arrecadando alimentos para o lugar em que acontecia o evento. O órgão conta com seis integrantes de Campinas e Sumaré, além de uma série de colaboradores.

Destacamos outro elemento, até onde sabemos, pouco citado nos estudos sobre *hip hop* e que aparece como mais uma forma de articulação dentro do movimento: a família, que aparece fermentando o sentimento de pertencimento de seus integrantes, que com ela se identificam. As famílias observadas na RMC congregam basicamente grupos de *rap*, e têm como objetivos a produção e a divulgação musical e o alinhamento a projetos sociais.

Elaboração própria.

21 Os militantes lembram que a MH2-Interior ganhou visibilidade nas cidades do entorno, tendo uma matéria que tratava da ida de dois ônibus com integrantes da posse para um *show* em Barra Bonita/SP veiculada no Jornal de Pedreira.

22 O projeto da posse tem uma proposta diferente: desenvolver atividades em torno do *rap*, mas agregando o *skate* e o basquete que, de acordo com os *hip hoppers* locais, têm forte relação com o movimento na cidade, participando há anos dos eventos por eles desenvolvidos. A iniciativa ganhou repercussão na mídia local e virou reportagem publicada num jornal que circula em Monte Mor e Indaiatuba.

A aproximação do movimento *hip hop* com partidos políticos e com o poder público na região de Campinas

A aproximação com partidos políticos ocorre em maior ou menor grau nas cidades inventariadas, agregando vários partidos políticos. Trata-se de uma aproximação ora por afinidades políticas, como nos vínculos estabelecidos como o PT em Campinas ou com o PC do B em Santa Bárbara d'Oeste, ora por simples troca de apoio, predominando interações apenas na época das campanhas eleitorais. A seguir, o Quadro 3, a respeito.

Quadro 3. A aproximação do *hip hop* com partidos políticos e com o poder público na RMC

Americana	Sob o compromisso de apoio ao movimento, quase toda a militância local apoiou, nas últimas eleições municipais, a candidatura de Erich H. Júnior (PDT), prefeito eleito.
Campinas	Em virtude da dimensão do circuito na cidade, além da ligação com o PT e mais recentemente com a Prefeitura Municipal, as aproximações com partidos políticos são diversas em Campinas. É comum, nas campanhas para a câmara municipal e até naquelas para a câmara dos deputados, os <i>hip hoppers</i> apoiarem candidatos dos seus bairros ou do entorno imediato, independente do partido.
Cosmópolis	O apoio, por parte do poder público e dos partidos políticos, vem apenas em época de eleições, afirmam os <i>hip hoppers</i> da cidade. Um exemplo é a ajuda para a realização do Festival <i>Hip Hop</i> pela Paz, por parte de candidato a vereador nas últimas eleições municipais ²³ .
Hortolândia	Parcela da militância local apoiou o candidato a vereador (não eleito) Chupin (PV) que, entre outros projetos, defendia a instituição no município do feriado do Dia Consciência Negra.
Jaguariúna	Os <i>hip hoppers</i> da cidade participaram da campanha para a prefeitura municipal, apoiando a coligação “Jaguariúna Para Todos” (PSD/PC do B/PSDC), do candidato Toninho Tonini (PSD), que não conseguiu se eleger. Apesar disso, os <i>hip hoppers</i> acreditam no apoio da atual administração, a fim de melhor utilizar os locais para eventos existentes ²⁴ e implantar uma casa do <i>hip hop</i> na cidade, projeto já em andamento.

23 O evento foi realizado com o apoio de Márcio Gomes (PT), que dirige uma ONG (organização não governamental) na cidade chamada Galera em Ação, promotora de atividades assistenciais para a população em geral. O festival ocorreu no período de campanha eleitoral, nas noites de sexta-feira, em diferentes bairros da cidade.

24 A militância de Jaguariúna explica que é grande o envolvimento com *rappers* da Grande São Paulo, com grupos como Consciência Humana, Homens Crânios, Fim do Silêncio, Violência Urbana, entre outros, os quais devem ser chamados para participar dos próximos eventos junto a grupos da região.

Monte Mor	A militância local assevera que ao falar da cidade não se pode esquecer da postura conservadora do poder municipal que, de acordo com eles, não se mostra acessível para as reivindicações dos integrantes do movimento <i>hip hop</i> , nem para as dos moradores da periferia. Reivindicando maior atenção, os <i>hip hoppers</i> da cidade participaram da campanha do prefeito eleito Rodrigo Maia ²⁵ e agora aguardam uma mudança de postura por parte da administração municipal com relação ao <i>hip hop</i> e à questão da cultura ²⁶ , já que, enquanto era vereador, Maia, dizem os <i>hip hoppers</i> , apoiou o movimento e trabalhos assistenciais junto à comunidade do Jardim Paulista e entorno.
Paulínia	Parcela dos <i>rappers</i> apoiou a campanha do PT à prefeitura municipal.
Santa Bárbara d'Oeste	Com o apoio do vereador Gilmar Vieira da Silva (PC do B), a militância da cidade fundou em setembro de 2004 a Associação Escola da Cultura <i>Hip Hop</i> , parte do projeto de implantação da casa do <i>hip hop</i> na cidade. O vereador recebeu apoio dos <i>hip hoppers</i> , em duas campanhas municipais.
Sumaré	<p>Na cidade, a institucionalização tomou outro rumo: hoje na prefeitura municipal, por meio da Secretaria de Cultura, a militância local consegue desenvolver ações como a realização de eventos e projetos, apresentações e oficinas dos elementos do <i>hip hop</i>, além de projetos sociais em geral. O fato recente aparece em oposição à característica falta de apoio da prefeitura de Sumaré no que se refere às questões culturais da cidade, como relatado pelos <i>hip hoppers</i> locais.</p> <p>Na Secretaria de Cultura trabalha Eva de Oliveira, conhecida militante do <i>hip hop</i> sumareense e que nas últimas eleições municipais candidatou-se à câmara municipal. Eva, então chamada de "candidata do <i>hip hop</i>", conseguiu 1472 votos, não obtendo o cargo de vereadora apenas pelo coeficiente partidário.</p>
Vinhedo	A militância local, que havia participado em 2003 da campanha do prefeito eleito Kalu Donato (PT), acertou também, junto à Secretaria de Cultura, a organização de oficinas de <i>hip hop</i> desenvolvidas no Centro Cultural da cidade, localizado no centro. Iniciadas no primeiro semestre de 2005, as oficinas contavam com quatro turmas de 20 jovens e tinham em seus conteúdos exposições sobre os três elementos do <i>hip hop</i> .

Elaboração própria.

Considerações finais

Entender o funcionamento do circuito *hip hop* na região de Campinas nos remete às continuidades e descontinuidades territorializadas no tempo, a partir dos sistemas de eventos nos lugares, motor e amarração dos hábitos cotidianos. Lançando mão da periodização, buscamos as camadas do projeto social, acumuladas nos lugares. Conforme Silveira (1999, p. 22), as demarcações dos períodos evidenciam "situações geográficas" em decorrência de um "conjunto de eventos geografizados", tornados, pois, "materialidade e norma", mudando os lugares e a sua geografia.

25 Como parte da campanha, um *show* do Grupo Faces da Morte (Hortolândia) e de grupos de *rap* da cidade reuniu cerca de seis mil pessoas.

26 Os *hip hoppers* tinham, em 2005, como primeira reivindicação o apoio para estruturar uma posse, algo prometido em campanha por Rodrigo Maia.

Por sua vez, Bithel (2006) nos fala de um passado maleável revisitado nas colagens sonoras ou no apelo à tradição de outro tempo. Não se repete um baile, não se pode coletar uma nota congelada, um acorde isolado, e preservar numa redoma. Tal fugacidade sonora parece reafirmar a própria dinâmica territorial, também arredia em seu movimento conflituoso, de tal modo que não apenas a cooperação entre os circuitos, mas os desacordos dos mais diversos devem ser objetos de análise.

Nesse sentido, pode ser útil a reflexão de Connerton (1999, p. 37) sobre a memória hábito. O autor ressalta a importância dessa memória, mais relacionada à experiência, pois é lembrança de um ato incorporado no cotidiano, constituindo para cada qual dos segmentos sociais um determinado passado, ligado ao lugar do grupo em questão: “as nossas imagens dos espaços sociais, devido à sua estabilidade relativa, dão-nos a ilusão de não mudarem e de redescobrirem o passado no presente. Conservamos as nossas recordações através da referência ao meio material que nos cerca”. Essa sensação de estabilidade da materialidade parece estar relacionada com a inércia-dinâmica do espaço geográfico, processo no qual o objeto, corporificação presente de um passado cristalizado, sucessivamente é lançado ao futuro pelas ações-eventos geográficos. Trata-se de uma questão que demanda esclarecimento e, entre outras, pode auxiliar no estudo dos saberes nos lugares.

As considerações a seguir dão ideia de como se estrutura o circuito *hip hop* na região de Campinas. Identificamos dois momentos distintos do *hip hop* na região: um primeiro, que diz respeito à chegada da cultura *hip hop*, tendo esta aos poucos se estruturado em torno dos bailes *black*, sobretudo em Campinas, mas com forte presença ainda em Hortolândia e Americana.

Teve grande força o fluxo de pessoas na região que se deslocavam de suas cidades para acompanhar os eventos, o que propiciou a rápida expansão da recém-chegada cultura. Nesse primeiro período, identificamos 14 casas de eventos *hip hop* espalhadas pela RMC. Foi uma época marcada pela ação dos baileiros (organizadores de eventos *hip hop* nas casas especializadas). A centralidade dada aos baileiros acabou por gerar uma certa dependência por parte do movimento na região, pois, com o tempo, tais figuras, em sua maioria não militante no *hip hop*, deixaram de lado tais eventos à procura de algo mais rentável e as casas de *shows* foram fechadas pouco a pouco.

O movimento conhece então uma crise, em meados da década de 1990. Sem lugares para se apresentar, o *hip hop* na região convive com o dilema da afirmação e, sob forte pressão, surge uma nova orientação: o *hip hop*, gradativamente, se

aproxima de partidos políticos e caminha rumo à institucionalização. Dessa orientação surge a primeira posse e um novo período que perdura até hoje na região.

É importante ressaltar que a institucionalização do *hip hop* campineiro não ocorre de maneira consensual entre a militância local, existindo *hip hoppers* contrários a essa orientação, o que do nosso ponto de vista é algo previsto — por se tratar de um movimento em estruturação e imerso num combate contra a massificação — e positivo, na medida em que fomenta o debate. O problema aqui, pontuado por parte da militância local, seria a sobreposição de divergências individuais (questões pessoais) às divergências coletivas (entre grupos de orientações distintas dentro do movimento), o que estaria desagregando o *hip hop* em Campinas e na região. Alguns veem no processo o estopim para a acomodação do *hip hop*, que estaria dependente de iniciativas do poder público, passível de cooptação e atrelado a tendências partidárias. Como entrevistado no inventário *hip hop*, predomina tal orientação na quase totalidade das cidades da região, com os *hip hoppers* participando de campanhas eleitorais e até mesmo lançando seus próprios candidatos.

Bibliografia

- ANDRADE, Elaine Nunes. *O movimento negro juvenil: um estudo de caso sobre os rappers de São Bernardo do Campo*. 1996. Dissertação (Mestrado em Educação) – FE/USP, São Paulo, 1996.
- BITHEL, Caroline. The Past in Music. *Special Issue of Ethnomusicology Forum*, London, N. 15.1, 2006.
- CONNERTON, Paul. A Memória Social. In: *Como as Sociedades Recordam*. Oeiras: Celta Editora, 1999.
- GRANGENEUVE. Loic. Comment Marseille est devenue l'autre capital du rap français. *Politique musicale et identité locale. Géographie et Cultures*, Paris, n. 59, p. 57-70, 2006.
- KEYES, Cheryl. At the crossroads: Rap music and its African nexus. *Ethnomusicology*, New York, v. 40, p. 222-248, 1996.
- LOURENÇO, Mariana. *Cultura, arte, política e o Movimento Hip Hop*. Curitiba: Chaín, 2002.
- PRATES, Denise. *Repensando a periferia no período popular da história*. Relatório (Qualificação de Mestrado). Rio Claro: Unesp, 2004.
- PRED, Allan. *Sistemas de cidades: economia adiantada, crescimento passado, processos presentes e opções de desenvolvimento futuro*. Rio de Janeiro: Zahar, 1979.
- RAFFESTIN, Claude. *Por uma geografia do poder*. São Paulo: Ática, 1993.
- REVISTA CAROS AMIGOS. *Hip Hop hoje: o grande salto do movimento que fala pela maioria urbana*. São Paulo, n. 25, 2005.
- ROSE, Tricia. *Um estilo que ninguém segura: política, estilo e a cidade no hip hop*. In: HERSCHMANN, Micael. *Abalando os anos 90*. Rio de Janeiro: Rocco, 1997.
- SANTOS, Milton. *Técnica, espaço, tempo*. São Paulo: Hucitec, 1994.
- SANTOS, Milton. *Território e sociedade: entrevista com Milton Santos*. São Paulo: Perseu Abramo, 2000.
- SANTOS, Milton. *A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção*. São Paulo: Hucitec, 2004.

- SILVA, José Carlos Gomes. *Rap na cidade de São Paulo: música, etnicidade e experiência urbana*. 1998. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) – IFCH/Unicamp, Campinas, 1998.
- SILVEIRA, María Laura. Uma situação geográfica: do método à metodologia. *Revista Território*, ano IV, n. 6, p. 21-27, 1999.
- SMITH, Neil. *Desenvolvimento desigual: natureza, capital e a produção do espaço*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1988.
- SUNEGA, Fernanda. *Mano, falta em você razão para viver: o movimento hip hop e as relações de caráter familiar que se estabelecem no interior desse grupo juvenil*. 2002. Monografia (Conclusão de Curso em Antropologia) – IFCH/Unicamp Campinas, 2002.
- TELLA, Marco Aurélio. *Atitude, arte, cultura e auto conhecimento: o rap como voz da periferia*. 2000. Tese (Doutorado em Ciências Sociais). PUC, São Paulo, 2000.

Sobre o autor

Cristiano Nunes Alves: geógrafo e mestre em geografia pela Unicamp (Universidade Estadual de Campinas), atualmente é doutorando na mesma universidade. Atua principalmente nos seguintes temas: planejamento territorial, informação, comunicação, metropolização, cultura popular e música.

* * *

ABSTRACT

The hip hop circuit in the region of Campinas since ancient times: from the black parties to the institutionalization of the movement (198...-2005)

We want to understand the contemporary urban dynamic through the use of the territory by the hip hop circuit. In this paper, we propose the analysis of the space across the time in function of the hip hop culture, displaying changes, through time, of the culture of the streets in the region of Campinas. We have identified two moments of the circuit: first, since the beginning of the manifestations of the hip hop until the constitution of a circuit related with the black parties of the region; the second moment is the one of institutionalization of the cultural circuit, which became a movement by a part of its militancy. It is, therefore, a study of the cultural circuits using the method resource of periodization.

KEYWORDS: territory, hip hop, Campinas, periodization, communication.

RESUMEN

El circuito del *hip hop* em la región de Campinas desde su antigüedad: de los bailes *black* a la institucionalización del movimiento (198...-2005)

Lo que queremos con este estudio es comprender mejor la dinámica contemporánea, problematizando el uso del territorio para el desarrollo del circuito *hip hop*. En este artículo científico, proponemos un abordaje del estudio espacial al largo del tiempo, dinamizado por la cultura *hip hop*, que presenta varios periodos en la región de Campinas, siendo identificados dos momentos marcantes del circuito. El primero es identificado desde las manifestaciones iniciales del *hip hop*, hasta la constitución de un circuito en relación a los bailes *black* (negros) de la región; el segundo momento, de la institucionalización del circuito cultural, se presenta mediante su militancia o personas que hacen parte de este movimiento. Este estudio trata de la problematización del tema de los circuitos culturales a partir del uso del recurso de metodo de la periodización.

PALABRAS CLAVE: territorio, *hip hop*, Campinas, comunicación, periodos.

 **BCG:** <http://agbcampinas.com.br/bcg>

Artigo recebido em agosto de 2011. Aprovado em outubro de 2011.